

THERAPEUTICA

Estudo sobre a coca e a cocaína e suas applicações therapeuticas

PELO DR. JOSÉ PEREIRA REGO FILHO

Capitulo IV.

(Continuação da pag. 512)

De suas experiencias conclue : « que, pelo facto de ver-se o indio poder, sob a influencia da coca, supportar a dieta durante alguns dias, não deve attribuir-se á ella só todo o merito ; convem não olvidar que a raça india é forte e habituada ás privações desde sua infancia.

O indio é sobrio por sua natureza e por necessidade, não é pois admiravel que elle supporte facilmente fadigas ás quaes succumbiria o habitante das cidades.

Não vê-se tambem os Arabes, os negros, os coolies, chins, supportarem a fome durante longas horas, durante muitos dias mesmo, e muitas vezes no meio de um clima insano.

« Vê-se, pois, que, si a coca póde apaziguar durante algum tempo o sentimento da fome, ella não poderia bastar para satisfazel-o completamente.

« A verdade d'esta opinião parece-nos inteiramente provada pelas experiencias que temos referido.

« Temos visto com effeito, entre os passaros, entre os mamíferos submettidos ao regimen da coca, qua a morte não foi retardada e antes que a desassimilação continuou sob a influencia da dieta á qual os animaes foram submettidos. Tambem acreditamos poder concluir de tudo isto, que, si a coca sustenta as forças, isto é, permite ao homem esquecer a fome, ella não é, no entretanto um alimento e não chega para dissipal-a. » (Op. cit. p. 64).

Agora, toca-nos tambem perguntar-mos por nossa vez.

Dos factos expostos, por este tão distincto experimentador

sobre os animaes (aves e mammiferos), serão justas quaesquer conclusões retiradas em relação á especie humana?

Não se dará aqui a mesma hypothese de outros tantos casos, cujos effeitos não vão além do laboratorio, em nada favorecendo a deducções praticas e positivas?

Não será tambem o caso de repetirmos, com o nosso compatriota, de tão saudosa memoria, o Dr. Manoel José de Oliveira, o que disse, quando á proposito da importante discussão travada no seio da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, sobre o antidotismo do chlorureto de sodium e curare, — « Não assistimos a essas experiencias; declaramos, porém, que temos uma birra especial, quando tiram-se conclusões de experiencias de animaes para o homem, embora essas experiencias sejam feitas em especies que se approximam do homem? »

Além d'isso, quem não sabe, como por essa mesma occasião dizia o respeitavel e illustrado Conselheiro Dr. Nicoláu Moreira, que, enquanto um individuo reclama doses enormes de opio para cahir em modorra, outro prostra-se rápidamente sobre a influencia d'aquelle agente em minima quantidade; que, o *Aconitum lycotonum* (L), vulgarmente conhecido por « mata lobo », é um veneno energico, narcotico-acre para o homem, o cão e o lobo, e que, no entretanto, as cabras comem esse vegetal com avidez e sem inconveniente algum; que as bagas do mesereão (*Daphne mesereum*) servem de alimento aos passaros e os engordam: bastando seis d'estas bagas, porém, para matar um cão; que o homem e o cão soffrem os effeitos da acção delecteria da grande cicuta; em quanto que as cabras e os carneiros pastam este vegetal sem inconveniente algum, sendo ainda as sementes um dos alimentos favoritos dos estorninhos? »

Demais, cumpre ainda não olvidarmo-nos das interessantes pesquisas de Chossat, mostrando que a duração da vida por inanição apresenta grandes variações nas diversas classes de animaes. Assim é que em suas experiencias sobre passaros, principalmente nas pombas rolas e pombos, a morte dava-se

segundo sua averiguação, depois de $9 \frac{35}{100}$ dias de completa privação de alimento e bebida. Nos porcos da India e coelhos, o mesmo observador notou ser de $9 \frac{99}{100}$ (29). Sabe-se, além d'isso que a vida é mais prolongada nos carneiros, do que nos herbívoros. Leuret e Lassaigue, observaram ainda, que cães, conservados em um lugar quente e secco, viveram, segundo sua observação, trinta dias sem alimento e sem bebida, e que um cão conservado em um lugar escuro e humido viveu quarenta dias (30).

Ora, se até a condição de meio, em animaes da mesma especie, faz variar tanto a força vital e de resistencia, como desprendermo-nos d'essa rebeldia que mantemos, de aceitarmos os factos dados na classe animal, inferior ao homem, como de inteira applicação a este?

Demais, na propria especie humana, sabe-se que segundo as edades e a constituição individual, assim tambem a privação de alimentos póde ser mais ou menos prolongada. Attestam os factos memoraveis, occorridos na fragata *Medusa* em 1816, comprovando-o. Depois do naufragio, 150 pessoas de todas as edades, foram expostas sobre uma balsa por treze dias, sem poderem receber qualquer alimento. D'este numero só 15 sobreviveram, entre elles o medico Savigny e as creanças, pessoas jovens, sendo os idosos os primeiros a succumbirem (31).

Cumpre ainda não esquecermos que muitas substancias tem em certos individuos a propriedade de disfarçar a fome, ainda que as suas condições organicas sejam precarias, como sejam o opio e os estimulantes alcoolicos.

(29) *Chossat*.—Recherchès Expérimentales sur l'Inanition, Paris 1813, p. 31.

(30) *Leuret, et Lassaigue*.—Recherches Physiologiques et Chimiques pour servir à l'Histoire de la Digestion, Paris 1825. p. 210.

(31) *Savigny*.—Observations sur les Effets de la Faim et de la Soif, éprouvées après le naufrage de la Frégat du Roi, la *Meduse* en 1816. Thèse de Paris, N. 84, 1818.

E como estes, muitos outros argumentos poderíamos ainda suggerir, para mostrarmos o perigo d'essas deducções, constantemente tiradas entre os phenomenos occorridos em especies inferiores, para applical-os ao homem.

Somos sinceramente entusiasta dos beneficios que a physiologia experimental tem trazido aos progressos das sciencias medica e chirurgica; nem por isso podemos adoptar em absoluto tudo o que emana dos laboratorios, como a expressão definitiva de todos os feitos.

As experiencias acima satisfazem-nos pouco; vindo ainda a proposito notarmos, que em um dos casos, dá-se até a circumstancia, de ter sido encontrada a substancia ainda em natureza, como fôra ingerida, sem soffrer a menor elaboração. Seria por inercia produzida no canal alimentar pela substancia? ou seria por condições pathologicas do proprio animal?

Não sirvam, porém, nossas asseverações para motivo de crer-se que consideramos a coca, como um alimento capaz de por si só manter as forças de um organismo, porque pertencemos á escola de Beugnier-Corbeau, quando entende que ella opera como um poderoso anesthesico local, um sedativo de contacto sobre as differentes mucosas.

Expliquemo-nos melhor; com as seguintes palavras do illustrado professor Puga-Borne: « Debaixo de sua influencia opera-se a digestão mais promptamente e com mais facilidade do que de costume; no entretanto, diz-se, que tomada depois da comida retarda a digestão, faz permanecer mais tempo os alimentos no estomago, mas sem produzirem nenhum mau estar. A coca, apezar de um uso abundante e diário, não provoca inflamações do estomago; parece que sua acção limita-se a excitar suavemente o systema nervoso de todo o apparelho digestivo, fazendo cessar ao mesmo tempo a consciencia d'esse trabalho. A esta integridade das funções digestivas e tambem á acção chimica da coca e da llipta e á acção mechanica de mascar, attribue-se conservarem os indios cocaeiros mais velhos seus dentes e estes são. Gastam-se, é certo, até ao

nível das gengivas, porém sem causar-lhes as molestias da carie e da odontalgia. A acção insensibilisadora da coca sobre a membrana mucosa do estomago, onde parece achar-se o ponto de partida da sensação da fome, é o principal motivo da resistencia dos indios cocaeiros á privação de alimentos. A coca não supprime o alimento, a coca não evita a fome, seu papel reduz-se a impedir que a voz da fome faça-se ouvir. Moreno y Maiz diz que é simplesmente um enganador da fome. Por isto, póde dizer-se com toda a exactidão que se o cocaeiro não come, é porque come-se a si mesmo. Com effeito, uma vez subtrahido o indio a influencia da coca que o faz parecer tão sobrio, é verdadeiramente assombrosa a enorme quantidade de alimentos que devora (32). Demais de privar da sensação da fome, é de presumir, que, graças á cocaína tenha a faculdade de refreiar as combustões organicas, de maneira, que, como

(32) São tantos os factos demonstrando o effeito produzido por certas substancias, no sentido de influirem sobre a diminuição do appetite, que seria mui longa uma ennumeração de feitos comprovando-o; limitemo-nos a citar o seguinte que corre nas obras classicas. E' uma communicação verbal do professor Dr. W. A. Hammond, provando que o tabaco favorece a retardar a fome n'aquelles que estão habituados ao seu uso. Refere o professor Hammond, que, demorando-se algumas horas sobre o ferro-carril entre Philadelphia e Nova-York, teve de privar-se de alimentos durante 28 horas. Durante todo este tempo, quando a sensação de fome era despertada e tornava-se intensa, elle obtinha notavel, ainda que temporario allivio, fumando. Repetio esta experiencia por varias vezes, e sempre com o mesmo resultado.

Conhecemos uma senhora, da nossa mais escolhida sociedade, que tendo-se habituado naturalmente ao vicio de mascar fumo, imitando ás escravas da fazenda de seu pae, lhe era depois impossivel evital-o. Casada com um medico mui illustrado, e cuja intelligencia era ella a primeira a laurear, não aceitava os seus conselhos mostrando o nocivo d'esse vicio, e ainda que elle fizesse sentir-lhe todas as consequencias futuras do seu hediondo e fatal capricho, ella dominada em absoluto, era de todo surda ás suas justas advertencias. Trazia diariamente, e durante o somno o bolo de caporal francez (tabaco que usava), e tragando constantemente a saliva com isso entretinha-se; pouco ou nada comendo. Quando ingeria alimentos, era por exigencia maior de seu esposo, o nicotismo principiava já a desenhar-se, n'essa infeliz, que contava apenas 19 annos de idade.

antidesperdiçador contribuirá realmente a diminuir a urgencia da reparação. (Puga Borne. Op. cit. p. 537.

Wedden, aproxima-se a esta opinião, quando estabelece o seguinte dilemma:—« de duas, uma, ou a coca encerra principios nutritivos que sustentam directamente as forças ou engana simplesmente a fome, actuando demais sobre a economia como um excitante. Os indios que acompanhavam-me em viagem, mascavam com effeito a coca durante toda a jornada; mas, chegando á noite, enchiam o estomago como homens completamente em jejum, e posso assegurar que tenho visto ás vezes tomarem, em uma unica refeição, tantos alimentos, como aquelles que eu teria consumido em dous dias. » (Op. cit.). Clements Markham, dota a coca da propriedade de impedir o gasto das forças, mesmo durante a abstinencia, como antes disse.

Colombe tambem explica a ausencia da fome, como originada da acção exercida pela cocaina, que opera sobre a mucosa estomacal, do mesmo modo que sobre as mucosas e pelle desnuda, assim exprimindo-se: « A cocaina posta em liberdade pela mastigação (e talvez em presença do pó alcalino), é deglutida com a saliva e introduzida no estomago, cujas membranas anesthesiaria. E' assim que acalmaria a fome, segundo Gazeau.

« Mas, pôde objectar-se que a fome é uma necessidade geral de todo o organismo (33), que não tem séde especial no esto-

(33) Parece que a este respeito não podem haver duas opiniões. Pensamos com Le Bon, o estomago é a séde apparente e não real da fome. Animaes a quem se tem tirado este órgão sentem perfeitamente esta necessidade. Certas lesões que destroem uma grande parte do seu tecido não extinguem-na. A fome é a expressão de uma necessidade geral que existe em todo o organismo, mas que não percebemos senão no estomago, absolutamente como a necessidade de dormir manifesta-se por uma sensação especial nos olhos, sem que no entretanto possa referir-se a localisação do gomo para estes órgãos. Sua séde real, como a de todas as necessidades, está no cerebro. As substancias que actuam sobre os centros nervosos, o opio, o tabaco, o chloroformio, por exemplo, suspendem mais ou menos sua acção.

mago, e que a coca actúa talvez por seu valor nutritivo, que é um verdadeiro alimento. Os factos não parecem corroborar esta opinião.

« O habitante dos Andes ingere no intervallo dos jejuns com que nutrir-se por muitos dias. Os sitiados de La Paz, que tiveram de supportar uma fome cruel, estavam absolutamente descarnados, reduzidos ao estado de esqueletos. » (Op. cit.)

(*Continúa*).

HYGIENE PUBLICA

Actos do poder executivo

DECRETO N. 169—DE 18 DE JANEIRO DE 1890

Constitue o Conselho de Saude Publica e reorganiza o servico sanitario terrestre da Republica

(Conclusão da pag. 526)

CAPITULO VIII

Da policia sanitaria

Art. 88. Nas visitas que a autoridade sanitaria fizer aos estabulos, cavallariças e outros estabelecimentos em que se recolham animaes, deverá ella prescrever medidas hygienicas convenientes, marcará a respectiva lotação e imporá, nos casos

Gustave Le Bon.—La Vie. Physiologie humaine, appliquée à l'hygiène et à la médecine.—Paris, 1874, p. 61.

O professor Busch, de Bonn, tem como opinião concludente ser causa da sensação da fome, a falta de assimilação da materia nutritiva, levando-o a assim pensar o seguinte caso : — Trata-se de uma mulher de 31 annos de idade, que havia soffrido no sexto mez de sua quarta prenhez, um golpe d'onde resultou-lhe uma fistula no terço superior do intestino delgado. Ainda que tomasse alimento em larga quantidade, tornou-se magra e fraca. A principio tinha um appetite voraz; nunca sentia-se satisfeita. Continuou a comer mesmo quando as primeiras porções de alimento que ella tinha tomado escapavam-se atravez da fistula. Queria dizer-se melhor; estava porem ainda com fome. D'ahi infere o prof. Busch, que a fome compõe-se de duas sensações separadas, uma geral, outra local; resultante a primeira da necessidade material para supprir a destruição do tecido. Vide para mais pormenores os trabalhos seguintes : — *Busch*—Beitrag zur Physiologie der Verdauungsorgane —; *Virchow's Archiv* — 1858. S. 140; — *The American Journal of the Medical Sciences*, July, 1860, p. 217; — *The North American Medico-chirurgical Review*, 1860.